

“SÃO BERNARDO”: ESTRUTURA SOCIAL E COMPORTAMENTO PSICOLÓGICO

Mirna Dietrich

1. INTRODUÇÃO

Muitos estudos têm sido feitos sobre o comportamento humano e a origem de seus traumas psicológicos. Foi constatado que o estado emocional materno influi, indiretamente, no comportamento psicológico do feto. A tensão emocional, os sentimentos em relação ao bebê, muitas vezes de rejeição, podem ter consequências duradouras sobre a criança e seu comportamento quando adulto.

No momento em que o cordão umbilical é cortado, rompe-se o vínculo que uniu mãe-filho durante nove meses, entretanto forma-se um outro muito mais forte que deverá durar toda uma vida. E, a partir de então que a mãe, durante muito tempo, será responsável pelo bem-estar — emocional e físico — da criança, pois é por meio de etapas, que vão sendo gradualmente superadas, que a criança vai atingindo a maturidade emocional. Para isso ocorrer, necessário é o auxílio dos pais e da comunidade, porque através deles é que ela se sentirá segura, se adaptará e sentirá o anseio de viver, de dar amor e auxílio ao próximo. Ciente de que o ambiente do lar e da sociedade proporcionam à criança a manifestação dos seus valores, interesses e expectativas, pode-se melhor compreender que grande parte do comportamento psicológico do adulto tem raízes nas vivências infantis. Para Adler (1957, p. 49), a afetividade é um aspecto muito significativo, porque “após uma educação brutal, em que toda a afeição é atalhada e reprimida, uma criança esquiva-se ao convívio social e perde, pouco a pouco, os contatos que seriam da maior importância para sua formação psíquica”.

Baseados em estudos feitos sobre o comportamento humano, e com as leituras das principais obras de Graciliano Ramos e críticas a ele feitas, constata-se que o escritor foi muito influenciado por problemas vividos em sua infância. A falta de carinho dos pais e o meio que o cercou condicionaram muito sua sensibili-

dade, criando problemas no relacionamento social e adulto. Isso pode-se constatar por sua visão pessimista de vida e cruel sobre os indivíduos.

Em seu livro "Infância", Graciliano, ao descrever sua mãe, acrescenta-lhe os defeitos.

(...) uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, bossas na cabeça mal protegida por um cabelinho ralo, boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura. (RAMOS, 1976: 14)

Todo escritor tem por finalidade comunicar algo. Em decorrência de sua visão de mundo, de sua interpretação do todo, cria sua verossimilhança de época. E, esta sociedade real em que vive vai sendo transformada numa supra-realidade. Cada artista mostra a cosmovisão da sua época, de seu grupo social, por meio de sutilezas. Quando se interpreta uma obra literária, deve-se ver, além de seu aspecto estético, o que o autor procurou revelar, graças à sua imaginação criadora; porque o imaginar, o criar o enredo para um escritor será sempre a resultante de uma época vivida.

Muitos ensaios foram feitos sobre a personagem Paulo Honório. Todos mostram o comportamento de reificação, a maldade e a agressividade, mas nenhum se detém no porquê de suas reações contra as pessoas e o meio ambiente que o cercam. De acordo com o estudo sobre suas reações, pretende-se demonstrar como a estrutura social influenciou no seu comportamento psicológico e seu relacionamento com as outras personagens. Para comprovar os aspectos salientados na personagem principal de "São Bernardo", recorre-se, ao longo do trabalho, a citações oportunas da obra.

2. A ESTRUTURA SOCIAL E O COMPORTAMENTO PSICOLÓGICO DE PAULO HONÓRIO EM "SÃO BERNARDO".

Paulo Honório é uma personagem complexa, dinâmica, que vai evoluindo livremente, até o fim do romance é o sujeito dominante da ação, e é em volta dele que as demais personagens irão girar. O nome "São Bernardo" tem dupla conotação: a fazenda de São Bernardo que Paulo Honório sempre ambicionara possuir e o livro de memórias que a personagem deixará de testemunho de sua experiência vital. Ao começar o livro, Paulo Honório repete mecanicamente o processo em que ele se especializara: o da divisão do trabalho entre ele e seus amigos.

Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa. (p. 7)

Neste fato, a personagem já deixa entrever uma de suas características mais marcantes e que norteará toda sua vida: o interesse material. A força que o transcende e em função da qual vive é este sentimento de propriedade sobre seres humanos e bens materiais.

Pode-se dividir a autobiografia de Paulo Honório em dois momentos: social e psicológico. A medida em que a narrativa vai se desenvolvendo, apreende-se como estes dois momentos estão inter-relacionados, não podendo dissociar-se um do outro.

Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sobranças cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo, têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor. (p. 12)

A aparência física é um importante modo de ser para ele, pois antigamente era um simples trabalhador de enxada, com a aparência rude das lides agrestes do sertão. A estrutura social subsiste em função dos acontecimentos humanos. Deixa profundas marcas na alma, originando crises profundas, pois é o meio social que ocasionará no indivíduo o grande manancial de suas frustrações, ódios e paixões. Paulo Honório demonstra o sentimento de ser filho de pais incógnitos ao dizer:

Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Provavelmente eles tinham motivo para não desejarem ser conhecidos. Não posso, portanto, festejar com exatidão o meu aniversário. (p. 12)

Normalmente, no período da infância, sob a orientação dos pais e familiares, as crianças vão se formando: moral, espiritual, social e afetivamente. Paulo Honório não teve esta orientação familiar. Rolou por aí, à toa. Sentiu carência de afeto, tão necessário à formação do homem que, para dar, deve ter aprendido a receber. O pouco que recebeu de afeto foi da preta Margarida que o criou. Mais tarde, quando proprietário de São Bernardo, retribuiu o que a preta lhe dera.

Uma fraqueza apertou-me o coração, aproximei-me, sentei-me na esteira junto dela.

— Mãe Margarida, procure! a senhora muito tempo. Nunca me esqueci. Foi uma felicidade encontrá-la. (p. 53)

Esta é a única vez que age desinteressadamente. Por um sentimento de gratidão à negra que o alimentou na infância e por quem tem uma ternura especial.

Paulo Honório foi, na meninice, guia de cego. Em sua juventude, trabalhador de enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço; e, em seu primeiro relacionamento com uma mu-

lher da vida, mata um rival. Razão pela qual vai preso, e onde aprende leitura com o Joaquim sapateiro. Como se pode ver, o período da meninice e juventude deixam raízes profundas na formação da personagem; depois de solto, para Paulo Honório só existe uma meta: a ambição de ganhar dinheiro, de vencer na vida. Superar os obstáculos do poder econômico e do prestígio dos velhos fazendeiros. Poder e prestígio que permitiam a eles não pagarem dívidas contraídas. Aproveitar-se do serviço alheio por serem pessoas irresponsáveis, que abusam do poder que têm, procurando, com sua posição social, pressionar, cercear a liberdade dos mais fracos na estrutura social.

O Dr. Sampaio comprou-me uma bolada, e na hora da onça beber água, deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes. Andei, virei, mexi, procurei empenhos — e ele duro como beira de sino (...). Não desanimel: escolhi uns repazes (...) e quando o doutor ia para a fazenda, cal-lhe em cima, de supetão. (p. 14)

A dívida foi paga, não por compromisso de honra, mas por medo de morrer. Chega o momento em que o homem que atravessa a vida entre ciladas e surpresas repentinas, que teve uma árdua aprendizagem de reveses, reage. Não perde um minuto de tréguas. Então, o poder é provisório. O homem prepara-se para um reencontro, passando, com sua impetuosidade, de um ser passivo a ativo. As escondidas são tomadas atitudes e o golpe é dado pelas costas. Isto ocorre a Paulo Honório que, ao passar o recibo da dívida ao Dr. Sampaio, agradece e se despede dizendo:

Sinto muito ter-lhe causado incômodo. Adeus. E não me venha com a sua justiça, porque se vier, eu viro cachorro doido e o senhor morre na face cega. (p. 15)

Essa é uma atitude de insegurança ditada pelo medo, pela falta de uma estrutura social e pessoal mais sólida. Porque ele mesmo diz:

Não tornei a aparecer por aquelas bandas. Se tornasse, era um tiro de pé de pau na certa, a cara esfolada para não ser reconhecido quando me encontrassem com os dentes de fora. (p. 15)

Esta é a vingança dos grandes proprietários de terra quando conseguem pegar desprevidos aqueles que conseguem sobrepujá-los. Eles possuem a mesquinhez impressa no seu caráter. E o sistema social isola o homem que não pertence a esta classe abastada.

Paulo Honório é uma ilha com sua solidão, com frustrações e problemas. Guarda, com zelo, os seus segredos e, pouco a pouco, no isolamento, os impulsos negativos, que inconscientemente já existiam, surgem. Crescem. Avolumam-se, destruindo tudo. Não

confia no outro, portanto não pode comunicar-se. Devido a isto, procura, em seu capanga Casimiro, a compreensão e a submissão irracional. Eis o retrato:

Casimiro Lopes, que não bebia água na ribeira do Navio, acompanhou-me. Gosto dele. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão. (p. 15)

Pobre do Casimiro Lopes. Ia-me esquecendo. Calado, fiel, pau para toda a obra, era a única pessoa que me compreendia. (p. 112)

Fiel Casimiro Lopes que o segue por toda a parte. Que vai vendo como o patrão — graças à sua tenacidade infatigável com que manobra a vida — pisando escrúpulos e visando ao alvo por todos os meios, procura atingir o seu objetivo maior: a fazenda São Bernardo.

O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S. Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. (p. 11)

Para conseguir o que pretende, Paulo Honório faz amizade com o filho de seu ex-patrão, proprietário de São Bernardo.

Travei amizade com ele e em dois meses emprestei-lhe dois contos de réis, que ele sapecou depressa na orelha da oota e em folias (...). Vi estas maluqueiras bastante satisfeito, e quando um dia, de novo quebrado (...) afrouxel mais quinhentos mil-réis. (p. 16)

Luís Padilha — homem fraco, pusilânime e sonhador — dilapidou a fortuna em jogos, bebidas e mulheres. Decadência humana de quem vive no ócio, por nunca ter tido necessidade de lutar por sua sobrevivência. Esbanja as terras herdadas pedindo empréstimos a Paulo Honório. E assim, pouco a pouco, uma meta vai se tornando realidade.

Paulo Honório, um homem situado dentro da realidade, sem procurar contemporizar, sem procurar amenizar as coisas, sem protelar as dívidas, exige o pagamento. O momento chegara. Recebe São Bernardo, propriedade arruinada, mas de terras excelentes. São Bernardo representa para o antigo menino de pais desconhecidos o "status" atingido. Embora tenha conseguido as terras, sente as dificuldades que terá de enfrentar com Mendonça, proprietário vizinho e "homem reimoso" que, numa ação expansionista, diminuirá as terras de São Bernardo. E, exatamente porque conhece a situação, porque admite a incapacidade para agir diretamente, contemporiza. Reconhece a impossibilidade de agir mais eficazmente. Atingira o sonho ambicionado, mas a situação social dos poderosos proprietários de terra não fora ven-

cida. Não conseguira atingir a condição de grande proprietário. De subir na hierarquia social. Continuava sendo um pequeno burguês e, ao constatar como é difícil atingir a ascensão sonhada, isto o recalca. Numa visita que fizera a Mendonça, este tenta entervergonhá-lo, dizendo:

Há por aí umas pestes que principiaram como o senhor e arrotam importância. Trabalhar não é desonra. (...) Trabalhador alugado, hem? Não se incomode. O Fidélis, que hoje é senhor de engenho, e conceituado, furtou galinhas. (p. 28)

Com sua inteligência, sabe que deve tomar precauções. Procurar defender-se. Seu instinto lhe diz que pode ser vítima, sem ter condições, sequer, de identificar o capanga. Precisava ter cuidado com os caminhos. Ter prudência, evitando andar desacompanhado de Casimiro Lopes.

Uma feita, distinguimos passos em redor da casa. Olhei por uma fresta na parede. A escuridão era grande, mas percebi um vulto. E as pisadas continuaram. O cachorro latiu e rosou. (p. 27)

A atitude dos poderosos é a de esconder-se nas sombras, agindo através de seus capangas. Paulo Honório sabe que a fuga nem sempre é uma alternativa, e ficar parado também pode ser perigoso. O tempo corre. E sua luta pelo domínio dos antigos limites da propriedade é uma luta solitária e individualista. A sorte, porém, o favorece. Com a morte de Mendonça, recupera as terras pertencentes a S. Bernardo. Invade a terra do Fidélis e dos Gamas. Respeita o engenho do juiz, Dr. Magalhães, homem íntegro, prudente, reservado. Pois assim "violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira" (p. 38).

Faz amizade com Costa Brito. Mas este, a fim de ser deputado, passa para a oposição. Conhece e simpatiza com Ribeiro, tornando-o seu guarda-livros. Na narração dos fatos acontecidos na vida deste, pode-se notar que esta personagem secundária é o oposto de Paulo Honório. Ribeiro procura o bem das pessoas, ajuda-as a crescer. Embora tenha perdido tudo, não possui o drama interno, pois sua derrota é somente externa. Paulo Honório, ao contrário, vence materialmente mas, intimamente, o seu crescimento continua estagnado. Poderoso e dominador, impõe-se sobre os que o cercam. Apresenta-se frio, calculista. Sua ambição poderosa reduz tudo a seu interesse egoísta. Para a obtenção de um fim, da realização individual a que se propõe, utiliza todos os seres humanos como instrumentos de sua ambição. E tudo que realiza é visando, somente, à ascensão social.

(...) nunca soube quais forma os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. (p. 37)

Com o desenrolar da trama, percebe-se que nesta primeira parte da ascensão social — a posse de São Bernardo — Casimiro Lopes, Seu Ribeiro, Nogueira, Dr. Magalhães e Luís Padilha são personagens secundárias adjuvantes do protagonista. Os antagonistas são: Dr. Sampaio, Mendonça, o capanga oculto e Costa Brito. Estas personagens são planas. Suas ações são destituídas de profundidade psicológica, pois suas atitudes já são pré-estabelecidas dentro do contexto, deixando entrever seu comportamento ao largo do romance.

Paulo Honório, após ter conseguido um mundo quantitativo, o que origina uma concepção materialista dos homens e da vida, confessa que amanheceu pensando em casar.

Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo de sala a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo. (p. 54)

Há uma mistura de motivos externos até que a personagem entre em contato com o novo objeto que pretende possuir — Madalena.

Observei então que a mocinha loura voltava para nós, atenta, os grandes olhos azuis.

De repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando. (p. 62)

A partir deste momento a posse da mulher se torna a sua obsessão. Deixa de lado o objeto anterior que já conseguira — S. Bernardo. A posse da mulher começa a ser tramada com a dispensa de Padilha do cargo de professor na fazenda S. Bernardo, e uma remuneração gratificante para ela. A moça não aceita. Vem a proposta de casamento. Madalena mostra as diferenças que há entre eles, mas Paulo Honório não desiste. Por segurança, acaba aceitando, mas pede um ano de prazo e Paulo Honório, como se estivesse fazendo uma transação comercial, responde: "Negócio com prazo de ano não presta" (p. 85).

Na convivência conjugal, Paulo Honório vai descobrindo, aos poucos, as virtudes da esposa. Apesar de não ser "homem de sensibilidades", as manifestações de ternura de Madalena o sensibilizam. O mundo dela é completamente diferente do que ele até então havia conhecido e seus temperamentos também são diferentes. Paulo Honório, temperamento áspero e solitário. Madalena, compreensão, bondade, pureza e despreendimento. Havia nela a sensibilidade que faltava no marido. Para que a vida tivesse

valor para ela, deveria ter um sentido humano. O egoísmo, em favor dos semelhantes, deveria ser superado. Era necessário haver justiça social, solidariedade, fraternidade com todos. Todos tinham o direito de realizar-se, receber instrução e um ordenado condigno. Serem seres humanos vivendo democraticamente e não sendo espoliados por outros.

O mundo de Paulo Honório é materialista. A ele só interessa dar na medida que as pessoas representam, que proporcionam algo em troca. Para ele, seus trabalhadores e os que com ele convivem não passam de bichos. Pode bater, maltratar, mandar e receber em troca a fidelidade servil, pois neles está interiorizado o acomodamento passivo. Sabem que dependem da vontade do patrão para sobreviver, por isso rebaixam-se.

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padiha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludados soltavam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus. (p. 166)

A vida lhe ensinara a ser árido, astucioso, cruel, de coração duro para poder vencer e sobreviver. Por isso, as idéias socializantes de Madalena são muito avançadas para ela. Surgem as discussões. Originam-se os conflitos.

Tive, durante uma semana, o cuidado de procurar afinar a minha sintaxe pela dela, mas não consegui evitar numerosos solecismos. Mudei de rumo. Tolice. Madalena não se incomoda com estas coisas. Imaginei-a uma boneca de escola. Engano. (p. 87)

Madalena, mulher dinâmica, franca e muito ativa, escreve artigos para o jornal, conversa com os amigos do marido. Paulo Honório, na incapacidade de submeter a mulher ao seu domínio, começa a ter ciúmes. Palavras ásperas são ditas. A raiva acumulada vai prejudicando as possibilidades de diálogo. Fica com a dúvida, pois lhe falta jeito para dialogar. Na infância e juventude não tivera oportunidade de se fazer ouvir. Nunca procurou indagar, pedir explicações, acostumara-se a mandar e não ser contestado.

O ciúme de Paulo Honório não é por amor, por procurar a integração espiritual. Nele está contido o desejo de posse do ser humano. Como não consegue esta posse total — que julgou adquirir com o casamento — surge, em decorrência, sua insegurança, dela se originando este problema patológico. A partir do momento que começam os ciúmes, Madalena e as outras personagens, com exceção de Casimiro, que até então eram adjuvantes de Paulo Honório, passam a ser antagonistas. Os elos vão se unindo, formando uma corrente que faz parte da trama psicológica do romance.

O ressentimento vai crescendo. Nem o nascimento do filho,

que tanto desejara, humaniza-o. Não lhe tem afeto. Procura na criança um detalhe que prove a infidelidade da mulher. A criança só recebe o carinho de Casimiro, pois é nos cuidados com o menino que ela demonstra sua dedicação e amor fiel pelo patrão. Madalena não se dedica ao filho. Sua preocupação é dar assistência aos menos favorecidos. Esta rejeição é inconsciente, psicológica. Ignora o filho, pois este representa a união com Paulo Honório.

A opressão interior se torna cada vez maior. O vazio vai se acentuando. Madalena não aguenta mais a solidão interior em que vive e se suicida. Esta foi a alternativa que encontrou ao seu fracasso como esposa. Mulher culta e independente, com idéias políticas próprias e opostas às de Paulo Honório, não aceita a existência de conformismo, de servidão que o marido queria impor. Suas atitudes enfrentando Paulo Honório vão demonstrando a profundidade psicológica da personagem. O suicídio é uma reação inesperada para o leitor; foi uma fuga de quem sempre soubera lutar, enfrentar situações difíceis. A morte é a libertação da ação dominante de Paulo Honório.

Depois da morte de Madalena tudo se modifica. O mundo de Paulo Honório, construído com tanta luta, ferindo e destruindo tantas pessoas, se desmorona. Com a queda do governo, a revolução vai levando tudo de roldão. Concordatas, falências, suicídios. Todos o abandonam, menos o fiel Casimiro. Paulo Honório faz um balanço existencial e se conscientiza de sua solidão interior. Verifica o imenso caos em que lançara a sua vida. Estava reduzido a um homem completamente só. A solidão o deprime e ele reconhece a sua inutilidade, sua brutalidade e egoísmo.

O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada. (p. 165)

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. (p. 170)

Toma consciência que, durante todos os anos de sua existência, não tiveram outro objetivo de vida senão o do interesse monetário. Agora estava só. Sozinho com sua consciência. Sozinho com sua vida em frente aos minutos, as horas que custam a passar, esperando o adormecer.

Todas as reações e conflitos da personagem têm suas raízes no fato de procurar compensar a carência afetiva adquirindo poder para se impor à sociedade. Sobrepor-se ao meio hostil, cheio de dificuldades para ele e, com isso, criando novas dificuldades.

Em seu livro "A ciência da natureza humana", Adler, diz:

(...) dificuldades podem surgir, quando a afeição normal dos pais para com os filhos não se manifesta em grau conveniente. Sempre que isto sucede, derivam sérias conseqüências para o

desenvolvimento da criança. Torna-se tão insensível que não pode reconhecer o amor, nem manifestá-lo propriamente, porque seus instintos afetuosos não foram desenvolvidos. Será difícil levar uma criança, que cresceu no seio de uma família que lhe negou as oportunidades para desenvolvimento normal da afeição e da ternura, a manifestar qualquer espécie desse sentimento. Sua atitude na vida será sempre de esquivamento a todo sentimento de amor, a toda ternura. (ADLER, 1957: 48-9)

Pode-se concluir que Paulo Honório, com a falta, a rejeição dos pais, não soube socializar-se. Não teve um ambiente familiar como base para suas reações e relações afetivas; é o lar a primeira fase de aprendizagem social do ser humano. Esta falta de socialização influenciou psicologicamente em seu comportamento. Em suas relações com os outros, após ser proprietário de São Bernardo, tomou as mesmas atitudes dos grandes senhores de terra: a prepotência.

3. CONCLUSÃO

A complexidade que reveste uma obra literária é sempre um desafio ao leitor, pois este se defronta com a indagação pessoal se realmente atingiu e compreendeu a mensagem da obra. Se conseguiu se transportar e vivenciar um ambiente social que sugeriu ao autor a criação do romance. Conforme a interpretação que o leitor der à obra, encontrará um cunho filosófico, sociológico ou psicológico. Ele vai, pouco a pouco, sendo envolvido por ela. A medida em que vai penetrando no enredo, começa a caracterizar e descobrir o caráter das personagens. Ao entrar em contato com elas, devido à verossimilhança, e com os demais elementos que compõem a estrutura de um gênero literário, participa da obra.

Em cada época, uma obra literária recebe uma nova interpretação. Isto se deve ao fato de sua universalidade. Numa obra cuja temática atinge a universalidade, as personagens serão sempre contemporâneas.

As personagens de Graciliano Ramos são autênticos tipos sociais. Em cada uma há uma figura humana constituída de corpo e alma. São personagens a quem ele doou uma grande profundidade psicológica. Cria personagens que Forster denomina de "redondas". Focaliza-as num momento de crise quando, através de uma retrospectiva de vida, buscam uma solução e encontram novos valores morais. Surpreendem o leitor com suas inesperadas reações. Ao configurar as suas personagens com seu destino, suas reações ao encarar os fatos que as rodeiam, Graciliano as coloca como seres concretos, socialmente determinados, vivendo em sua realidade. Documentam as atitudes típicas das classes sociais em face do mundo. Elas são o testemunho de uma época profundamente representada.

Elabora a personagem de Paulo Honório de maneira completa, penetrando em seu íntimo. As personagens secundárias são criadas a partir dos objetivos visados: mostrar a estrutura interna da personagem principal com seu egoísmo, com a sua aridez de sentimentos. Para Graciliano, o papel representado pelas circunstâncias ambientais é quase tão grande quanto o da personagem. É através dessas circunstâncias que transparece a preocupação do escritor: mostrar o caráter humano em toda sua complexidade, onde os indivíduos lutam por descobrir um sentido para a vida, onde a solidão interior do homem é uma constante, embora procure lutar contra ela de acordo com as circunstâncias que o rodeiam. Não quer que seu espírito angustiado se entregue ao vazio total. É na busca de realizações e satisfações pessoais que procura preencher sua solidão interior. É na autocrítica que a personagem de Graciliano Ramos busca a sua evasão dos momentos depressivos. A busca de um refúgio para suas culpas e insatisfações.

Graciliano Ramos procura colocar em sua personagem Paulo Honório o homem que luta por libertar-se da sua solidão interior, dos seus conflitos, transferindo suas dimensões limitadas para o homem do Universo.

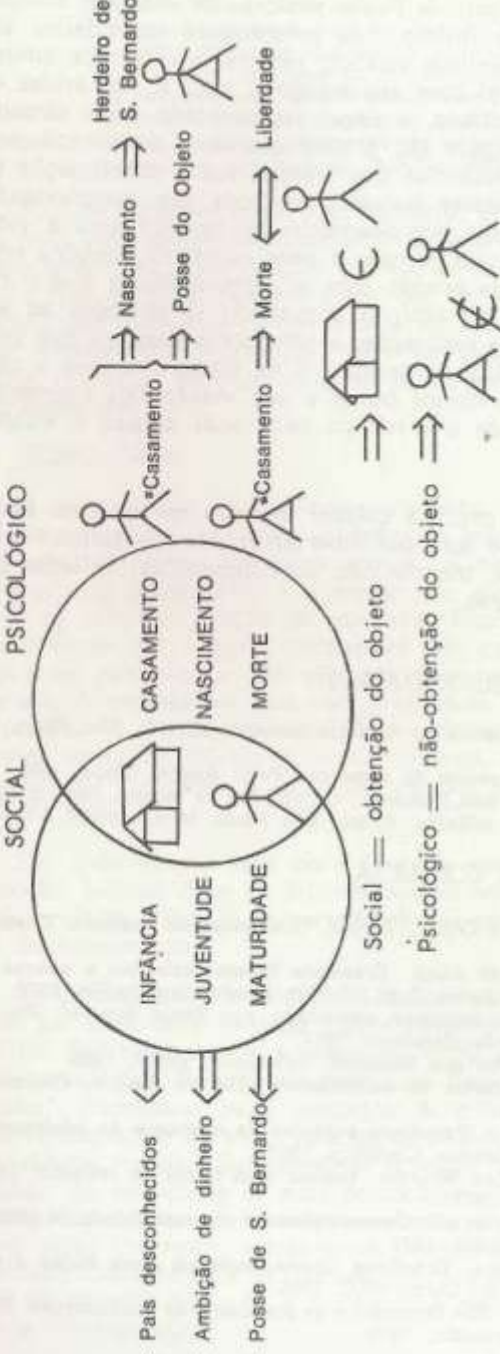
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 4.1 ADLER, Alfred. *A ciência da natureza humana*. 4. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1957.
- 4.2 FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre, Globo, 1969.
- 4.3 RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 17. ed., Rio de Janeiro, Record, 1977.
- 4.4 RAMOS, Graciliano. *Infância*. 6. ed., São Paulo, Martins, 1967.

5. BIBLIOGRAFIA DE CONSULTA

- 5.1 BOURNEUF, Roland & QUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra, Almedina, 1976.
- 5.2 CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. 2 ed., Rio de Janeiro, Brasília/Rio, 1977.
- 5.3 GRACILIANO Ramos; coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- 5.4 LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura*. Petrópolis, Vozes, 1969.
- 5.5 LINS, Alvaro. *Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.
- 5.6 LOPEZ, Emilio Mira y. *Psicologia evolutiva da criança e do adolescente*. 3. ed., Rio de Janeiro, Científica, 1957.
- 5.7 MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Ensino: uma tarefa de reflexão*. Porto Alegre, Sulins, 1977.
- 5.8 MUSSEN, Paul Henry et alii. *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo, HARBRA, 1977.
- 5.9 PUCCINELLI, Lambert. *Graciliano Ramos: relações entre ficção e realidade*. São Paulo, Quiron/MEC, 1975.
- 5.10 ZILBERMAN, Regina. *São Bernardo e os processos de comunicação*. Porto Alegre, Movimento/IEL, 1975.

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA E SIMBOLICA DE SÃO BERNARDO



Símbolos usados

- age sobre o sujeito
- ⇒ implica
- ⇔ equivale
- ∈ pertence
- ∉ não pertence

